Linguagem, Cultura e Identidade no Cotidiano da Educação de Jovens e Adultos

" O problema da educação não é um problema metodológico, mas sim essencialmente político "

Paulo Freire

Essa afirmação, possa ser talvez, frente a minha trajetória enquanto educador, o que melhor justifica minhas motivações para o desafio de sistematizar parte do trabalho que desenvolvi na condição de estudante de pedagogia no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA) pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Além disso, ela também servirá como norte para abordagem que pretendo fazer, no entanto, devo primeiramente contextualizar o leitor de como se deu esse processo e de como uma afirmação, que a priori, parece ser óbvia ainda se apresenta enquanto parâmetro para discussões atuais.

Durante três anos pude vivenciar o cotidiano da EJA em diferentes contextos,[1] e ao longo do tempo pude perceber o quanto essa modalidade de ensino era marcadas pelos sujeitos que a compunham "Arroio" (Revista da Raaab).

Vítimas da exclusão gerada pelo processo de globalização e pela global exploração do trabalho, esses sujeitos tem suas histórias perpassadas por sua condição de classe, gênero e etnia e consequentemente pela negação de direitos básicos a vida humana. Como não poderia ser diferente, basta-nos apenas um pouco de sensibilidade para perceber a constante externalização no cotidiano de sala dessa condição, seja pelos relatos de suas histórias, seja pela sua concepção de vida ou ainda pelo silêncio que tantas vezes se fez presente e diz muito acerca de sua condição histórica de oprimido.

---

[1] Durante minha exprência no Núcleo trabalhei durante dois em um contexto de comunidade em Planalto Serrano, um bairro localizado no município da Serra. Trabalhei ainda dentro de uma empresa junto a operarios da construçao civil lecionando no canteiro de obras alem de Ter trocado experências com outroseducadores do Movimento do Sem terra e educadores populares nos trabalhos desenvolvidos pelo NEJA.